

PAULO RICARDO RIBEIRO



**O MEIO AMBIENTE COMO TEMA GERADOR DE APRENDIZAGEM
NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

PAULO RICARDO RIBEIRO

**O MEIO AMBIENTE COMO TEMA GERADOR DE APRENDIZAGEM
NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Projeto de pesquisa apresentado ao
Curso de Especialização em Ensino de
Artes Visuais do Programa de Pós-
graduação em Artes da Escola de Belas
Artes da Universidade Federal de Minas
Gerais.

Orientador (a): Prof. Henrique Augusto
Nunes Teixeira.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Ribeiro, Paulo Ricardo, 1976-O Meio Ambiente como tema gerador de Aprendizagem no Ensino de Artes Visuais: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Paulo Ricardo Ribeiro. – 2013.

40 f.

Orientador (a): Henrique Augusto Nunes Teixeira.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Teixeira, Henrique Augusto Nunes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *O Meio Ambiente como tema gerador de aprendizagem no Ensino de Artes Visuais*, de autoria de Paulo Ricardo Ribeiro, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Henrique Augusto Nunes Teixeira - Orientador

Daniela Maura dos Santos – Membro da Banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, essa força suprema que impulsiona as nossas conquistas. Agradeço a minha esposa, Raquel, que de forma especial e com toda paciência me deu força e coragem para enfrentar os desafios da educação continuada, quero agradecer também ao meu filho, Lucas Eduardo, que embora não tivesse conhecimento disto, iluminou meus pensamentos de maneira especial. E não deixando de agradecer também minha família e principalmente meu orientador, Prof. Henrique, que não mediu esforços para que eu chegasse ao final dessa etapa.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é ampliar e melhorar as atividades de artes visuais no cenário escolar, entendendo e pesquisando novas formas de abordagem que visem à responsabilidade social e sensibilidade estética, refletindo pensamentos cognitivos, sensíveis às percepções contemporâneas, auxiliados pela “proposta triangular” e construídos com ajuda dos grupos focais que atualmente oferecem profundos questionamentos de interação e realidade vivida. Promovendo e debatendo principalmente as questões ambientais como tema central gerador de ensino e aprendizagem no ambiente escolar, baseando e referenciando artistas e trabalhos que poetizam essa proposta.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais e Meio Ambiente. Temas geradores e o grupo focal. Abordagem Triangular.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura01-Estéticarelacional. Disponível em: <<http://sobrearteeimagens.blogspot.com.br/2011/01/rirkrit-tiravanija.html>
acesso em 08/11/2013>. Acesso em 11/11/2013 -----22
- Figura-02-Gambiarra. Disponível em: <<http://arteconcretista.wordpress.com/about/>>. Acesso em 11/11/2013 -----23
- Figura-03-Instalação. Disponível em: <<http://esteticaarte2009.blogspot.com.br/2009/08/land-art.html>>. Acesso em 11/11/2013 -----24
- Figura-04-Intervenção. Disponível em: <<http://fashionmanifesto.blogspot.com.br/2011/01/daniel-buren-art-now.html>>. Acesso em 11/11/2013 -----24
- Figura-05-Performance. Disponível em: <<http://www.forademim.com.br/site/tag/artes-plasticas/>>. Acesso em 11/11/2013 -----25
- Figura-06-Sitespecific Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-35977/arte-e-arquitetura-christo-and-jeanne-claude>>. Acesso em 11/11/2013 --26
- Figura-07-Escultura de Frans Krajcberg. Disponível em: <<http://www.osgemeos.com.br/page/13/>>. Acesso em 12/11/2013 -----28
- Figura-08-Escultura de Frans Krajcberg. Disponível em: <<http://www.casabrasil.com.br/blog/2011/o-olhar-ecologico-de-frans-krajcberg/>>. Acesso em 11/11/2013 -----28
- Figura-09-Fotografia de Frans Krajcberg. Disponível em: <<http://experienciaestetica.wordpress.com/2011/09/23/krajcberg-o-homem-e-a-natureza-no-ano-internacional-das-florestas/>>. Acesso em 11/11/2013 -----29
- Figura-10-Performance de Paulo Nazareth. Disponível em: <<http://catracalivre.com.br/sp/agenda/barato/anna-maria-maiolino-e-paulo-nazareth-expoem-suas-obras-no-masp/>>. Acesso em 12/11/2013 -----31
- Figura-11-Performance de Paulo Nazareth. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/41135-monica-bergamo.shtm>
I>. Acesso em 12/11/2013 -----32
- Figura-12-Performance de Paulo Nazareth. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/entretenimento/2013/07/18/fotos-de-exposicao-e-premiadas-em-concursos.htm#fotoNav=50>>. Acesso em 12/11/2013 -----32

Figura-13-Pintura Modernista. Disponível nos arquivos da Escola Estadual Tito Lívio de Souza- Betim-2007 -----36

Figura-14-Escultura. Disponível nos arquivos da Escola Sandoval Soares de Azevedo- Ibirité-2007 -----37

Figura-15-Escultura/Instalação. Disponível nos arquivos da Escola Sandoval Soares de Azevedo- Ibirité-2009 -----39

SUMÁRIO

Introdução -----	10
Capítulo 1- Práticas Pedagógicas entre Arte e o meio ambiente escolar-----	12
1.1-Metodologia -----	15
1.2-O grupo focal-----	16
1.3-Relato dos alunos-----	18
Capítulo 2- Exemplos de Artistas que utilizam o Meio Ambiente como tema gerador-----	20
2.1- Tendências de expressão contemporânea-----	21
2.2- Reflexões contemporânea entre arte e meio ambiente -----	27
2.3- Conexões entre artistas e Artes Visuais no ambiente escolar-----	34
Capítulo 3- O fazer artístico no cenário escolar, utilizando as questões ambientais como tema central gerando ensino e aprendizagem-----	35
3.1-Imagens e resumo de trabalhos realizados-----	37
Considerações finais-----	40
Referências-----	41
Anexos-----	43

Introdução

A educação vive em constantes mudanças em busca de desenvolvimento dos estudos relativos ao ensino e aprendizagem. No campo dos estudos referentes ao ensino de arte nas escolas muito mudou, Historicamente percebemos que desde a colonização brasileira a Arte começava a engatinhar com influência da cultura europeia. Em seus primeiros passos ganhou força com artistas e mostras ainda enraizados na cultura de fora. Já criança a arte se destaca nos movimentos universitários consagrando a criação dos espaços artísticos (bienais, museus, galerias, etc.). Em sua adolescência acompanhamos diversos movimentos nacionalistas emancipatórios, destacando as primeiras leis de ensino, destaque ainda a maioria do ensino da arte com o marco da obrigatoriedade nas escolas, daí em diante entramos de fato nos estudos que demonstram a importância da arte no ambiente educacional.

(...) a arte tem uma grande importância devido à função indispensável que ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização. O fundamental, portanto, é entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo. (FERRAZ, 1999, p.16).

Para o ensino de arte na escola contribuir com o processo de humanização dos educando e melhorando o ensino e aprendizagem dos mesmos, apresento uma proposta de trabalhar nos conteúdos das artes visuais as questões ambientais como tema gerador de conhecimento.

Pretendo, com essa proposta, buscar compreender como os alunos reagem à execução de trabalhos de conotação ambiental, e se esses trabalhos podem sensibilizar e conscientizar para todas essas novas transformações que vem sofrendo o nosso mundo. Quero priorizar a comunidade escolar e seus próprios problemas ambientais, pesquisando como as artes visuais interferem no olhar ambiental.

Estimular nos alunos que o fazer artístico é uma forma de aprendizagem, *“compõe de expressões e representações da vida, materializadas em formas*

visivas que podem ser estáticas e em movimento, bi e tridimensionais.”
(FUSARI, 1993, p.73).

Estudar novas formas de pedagogias artísticas amplia a percepção das expressões estéticas contemporâneas como “arte pública” e “instalação”, por exemplo.

Por mais que se admita a relevância pedagógica como etapa inicial do educador, não cabe ficar no plano da sensibilização, do reconhecimento do ambiente de vida, da ação no universo particular e de alterações de comportamentos individuais, como coisas válidas em si e suficientes para transformações societárias é preciso articular a cotidianidade ao macro social, em uma atuação política que gere as transformações individuais e coletivas, simultaneamente, e a possibilidade de as experiências localizadas que foram bem sucedidas se universalizarem. (LOUREIRO, 2004, p. 133).

Vivemos uma época de profundas transformações no campo educacional, e fatores externos interferem cada vez mais nas propostas, estudos e metodologias educacionais. A Arte como área de conhecimento também absorve, reflete e assimila novas formas de interferência, desenvolvendo ou não pressupostos para o ensino e aprendizagem. Em nossa contemporaneidade um dos fatores que vem cada dia mais discutido e debatido é a questão ambiental, ecologia ou meio ambiente. Como as artes visuais podem assimilar esse tema, sensibilizando e conscientizando dos possíveis olhares, produzindo possíveis trabalhos de educação estética? A área de arte que faz parte do currículo escolar tem papel preponderante neste sentido. O ensino de Artes Visuais nas escolas também possibilita excelentes subsídios para serem trabalhados com propostas, atitudes e valor ambiental. *“Educar o nosso modo de ver e observar é importante para transformar e ter consciência da nossa participação no meio ambiente, na realidade cotidiana”.*
(FUSARI, 1993, p.73).

Para entender um pouco as artes visuais e suas abrangências:

(...) estudos das produções visuais contêm assuntos que podem e devem ser incorporados nas aulas de Arte, quando os estudantes estiverem expressando-se visualmente e, ao mesmo tempo, compreendendo as mensagens visuais vivenciadas no cotidiano.

Por essas razões, um programa de educação escolar em Arte deve levar em consideração o contato que temos com o universo de visualidade do mundo contemporâneo e a complexidade do discurso visual e audiovisual, ou seja, devemos pensar num programa que possibilite diversificações, ampliações de nossos repertórios sensíveis-cognitivos e estudos que aprofundem os modos de ver, observar, expressar e comunicar imagens (desenhadas, pintadas, gravadas, impressas, moldadas, eletrografadas, fotografadas, televisionadas, videografadas etc.). (FUSARI, 1993, p.73-74).

Como vemos a imagem de nosso meio ambiente atual? Como podemos utilizar propostas adequadas para interpretar o meio ambiente atual, e suas visualidades nas escolas? Como o meio ambiente atual reflete nas produções artísticas contemporâneas? Todos esses questionamentos despertaram ao longo do meu trabalho nas escolas, uma profunda investigação de como as Artes Visuais podem interferir, ampliando, investigando, sensibilizando, conscientizando e expressando o nosso meio ambiente atual.

Trabalho há 12 anos na rede estadual de ensino de Minas Gerais, lecionando Arte no Ensino Fundamental e Médio, paralelamente exerço a função de Educador Ambiental na Prefeitura Municipal da Cidade de Betim, analisando essas duas formas de trabalho, penso que à arte pode e deve contribuir muito para o ensino e aprendizagem das questões ambientais, fato que demonstra essas observações é destacado por inúmeros trabalhos artísticos que refletem essa preocupação ambiental como os artistas Vik Muniz, Julian Beever, Glaucia Amaral, Liana Bloise, Alfredo Jaar, Frans Kracjberg, Jean Shin, Jason Mecier, Paulo Nazareth entre outros.

Capítulo 1 - Práticas Pedagógicas entre Arte e o meio ambiente escolar

Apesar de o tema ambiental estar inserido em nosso currículo educacional como tema transversal, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)¹, considero essa transversalidade uma proposta de múltiplos entendimentos e variadas interpretações.

¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>, acesso em 09/11/2013.

Os Parâmetros Curriculares nacionais, resultado de um longo processo de discussões sobre as reformas curriculares que tiveram início nos anos 80, ressaltam a importância da elaboração de projetos educativos na escola inserindo procedimentos, atitudes e valores no convívio escolar, priorizando a necessidade de tratar temas sociais urgentes de abrangência nacional, para isso recebeu a denominação de “temas transversais”.

A princípio foram escolhidos os seguintes temas transversais: Meio Ambiente, Ética, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo. A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade), com tudo o tema transversal deve e poderá ser trabalhado em diferentes áreas de conhecimento no ambiente educacional.

No livro Tópicos Utópicos de Ana Mae Barbosa resalta a importância das questões ambientais aliados ao trabalho do arte-educador.

Não poderemos resolver os problemas do meio ambiente natural sem tomar conhecimento dos problemas políticos, econômicos, sociais e educacionais que induzem às ações predatórias e as permeiam. Os artistas e os arte-educadores têm um importante papel a desempenhar nos esforços para preservar a natureza e os seres humanos na natureza.

Temos que nos aliar a outros especialistas - sociólogos, ecologistas, cientistas, geógrafos, bem como arquitetos, urbanistas, comunicadores, psicólogos sociais e antropólogos - na luta em busca do equilíbrio entre preservação e desenvolvimento, que conduza a uma melhor qualidade da vida e do meio ambiente natural.

Os problemas do meio ambiente podem ser resolvidos apenas através de análise e decisões multidisciplinares. A educação ambiental somente terá sucesso se envolver um grupo multidisciplinar em processo interdisciplinar de ensino/aprendizagem. (BARBOSA, 1998, p.116).

Outro ponto relevante na busca de meios para compreensão de arte e meio ambiente permeia na relação entre artista-obra-público, esses três fatores tem um grande poder quando manifestam pensamentos, atitudes e valores em várias esferas da sociedade. Esse poder de comunicação pode receber o nome de “arte pública” para muitos escritores e estudiosos do assunto como Eileen Adams, Don Krug e Lilian Amaral entre outros.

A arte pública de que tratam os arte-educadores é arte que busca diálogo e interpretação, que procura uma relação iônica ou simbólica com o público que se serve do espaço que ela ocupa (...)

Arte pública é resistência e / ou diálogo com um público mais amplo do que frequenta museus, ou com uma comunidade com outros interesses além da arte. É, portanto, assunto que faz parte do vocabulário cultural daqueles que se interessam pelas relações da arte com meio ambiente. (BARBOSA, 1998, p.125).

O ensino de artes visuais que visa responsabilidade social com sensibilidade estética refletindo pensamentos cognitivos, sensíveis às novas formas de perceber as imagens do mundo atual, tem que estar voltado para o ambiente escolar, relacionando-os com suas próprias produções e estudos de compreensão e desenvolvimento sustentável, priorizando sempre o ensino e aprendizagem.

Para compreender as questões ambientais no ambiente escolar utilizei uma entrevista focal, direcionada para levantar propostas de temas geradores ou até mesmo entender como o seu próprio meio pode refletir a sua percepção de arte e meio ambiente.

A partir dos estudos realizados por pesquisadores que acreditam em novas propostas pedagógicas priorizando o ensino e aprendizagem voltada para a transformação social, como Paulo Freire que em suas pesquisas chamou de “*Educação libertadora*”, a Educação é uma atividade em que os sujeitos, educadores e educandos, mediatizados pelo mundo, educam-se em comunhão, também utilizou “*temas geradores*” como forma de metodologia. Philippe Pomier Layrargues também acredita que problemas ambientais locais

como metodologia podem ser considerados como um “*tema gerador*” de transformação da realidade.

Por fim, analiso o meio ambiente como tema gerador de ensino e aprendizagem dentro da escola, priorizando o ensino de artes visuais abordadas pelas ideias e propostas da triangulação de Ana Mae Barbosa, *criar, apreciar e contextualizar*. Busco uma forma de usar a arte como forma de disseminação de ensino e aprendizagem, investigando como os valores artísticos interferem na construção do conhecimento. A proposta que Ana Mae enfatiza, globaliza o fechamento sensorial das aptidões artísticas onde em um momento criamos, apreciamos e contextualizamos, e isso é percebido no cenário de construção de conhecimentos ambientais.

Assim como os autores e pesquisadores Philippe Pomier Layrargues e Carlos Frederico B. Loureiro também acreditam que propostas educativas ambientais podem tornar os temas ambientais locais como temas geradores da ação educativa desde que estes temas sejam carregados de conteúdos socioambientais significativos para os educandos e sejam definidos coletivamente e participativamente assim como a triangulação de Ana Mae, perceber, fazer e contextualizar.

1.1-Metodologia

Para investigar todas as questões que envolvam arte e meio ambiente no espaço escolar, utilizei os próprios alunos, protagonistas do processo ensino aprendizagem. Utilizei como objetivo principal a identificação de percepção de sentimentos, atitudes e ideias a respeito das inquietações do seu meio, gerando um possível tema de construção para as artes visuais.

Para mesclar conteúdos do nosso sistema educacional, farei a composição de dois grupos focais, um representando os alunos do ensino fundamental e o outro representando o ensino médio. A composição desses grupos tem a finalidade de investigar um tema gerador a ser trabalhado nas artes visuais

posteriormente no ambiente escolar, positivando uma das etapas da triangulação de Ana Mae, como o fazer artístico por exemplo.

Atualmente os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. Apesar disso, o grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, *a priori*, para investigações qualitativas. Perceber a grandeza de informações que um grupo de alunos pode oferecer em diferentes graus de atuação, requer uma atenção especial que gosto de chamar de “*tema gerador*”. Encontrar um tema gerador carregado de conteúdo socioambiental significativo para o ambiente escolar é dizer aos alunos que eles são parte das inúmeras transformações sofridas no seu cotidiano. E essas transformações podem melhorar ou piorar o nosso cenário de vivência educacional. Não é dizer que usar a arte para algo pode proporcionar mudança de comportamento, mas sim vivenciar a arte para expressar, questionar, incomodar, e o que julgo ser parte preponderante, dialogar com o seu próprio meio.

1.2-O grupo focal

Usei dois grupos focais como fonte de estudo e pesquisa para confrontar a realidade da organização educacional do currículo básico da rede estadual de Minas Gerais e a Escola Sandoval Soares de Azevedo no município de Ibitiré, 01-Grupo de 10 alunos (salas diferentes do 7º ano) representando o Ensino Fundamental e 02-Grupo de 10 alunos (salas diferentes do 1º ano) representando o Ensino Médio, todos representando a mesma escola. Seguir as etapas do artigo de Luciana Kind (2004).

Etapa I: preparação

Neste momento, o moderador (pesquisador) convida os participantes a se apresentarem. O objetivo aqui é estabelecer boa relação entre os alunos de salas diferentes. No final desta etapa, os alunos devem estar interagindo e começando a se organizar em torno do tema (o meio ambiente escolar). É dever do moderador (pesquisador) fazer a transição de uma etapa para a seguinte de forma fluida, sem rompimentos bruscos. Esta etapa dura aproximadamente 10 minutos.

Etapa II: conjunto do debate em grupo

O momento do debate requer a passagem para questões progressivamente mais específicas; passa-se de questões mais concretas para as mais abstratas. O objetivo agora se aproxima mais dos questionamentos e relatos dos alunos. Nesta hora, o moderador deve dispor da sua habilidade de permitir que o debate transcorra de forma espontânea, estando atento, porém, para os prováveis desvios do tema. É essencial a investigação em profundidade. Deve-se recorrer a técnicas que aprofundem a discussão, como, por exemplo, repetir a afirmação de algum aluno participante de forma interrogativa e lançar mão de perguntas como: você parece ter uma opinião muito enraizada sobre isso. O que você acha que os outros alunos pensam? Pode me dar um exemplo na escola? Você começou a dizer alguma coisa... O moderador (pesquisador) deve estar atento também para deixar em suspenso um tema demasiadamente profundo, levantado prematuramente por algum participante, e retomá-lo oportunamente, dando a palavra ao participante que o trouxe para a discussão. A inserção de perguntas não previstas no temário, mas que se mostrem importantes para a elucidação do tema proposto deve ser realizado quando se fizer necessária. É bom lembrar que a técnica de grupos focais não pressupõe a busca de consensos.

Etapa III: encerramento do grupo

O encerramento requer a exposição, de maneira sintética, da discussão promovida pelos alunos. Pode-se também esclarecer dúvidas que tenham ficado pendentes. O moderador (pesquisador) deve ficar atento para não inferir juízos de valor ao resumir posicionamentos contrários dos mesmos. O

propósito é identificar com o grupo presente, temas geradores, consolidar os sentimentos dos alunos acerca de algumas questões e identificar diferenças principais.

Etapa IV: ação posterior

Na avaliação dos resultados obtidos, verifica se as necessidades de informação foram satisfeitas, se são necessários outros alunos, se o temário precisa ser revisto e se é necessária uma investigação quantitativa de alguns resultados.

Etapa V: conclusão

Utilizar a entrevista focal para investigar os temas geradores servirá ao processo de relações e problematização da situação. Eles permitirão concretizar, metodologicamente, o esforço de compreensão da realidade vivida para alcançar um nível mais crítico de conhecimento dessa realidade, pela experiência da reflexão coletiva da prática social real. Esse é o caminho metodológico: o trabalho educativo dispensa, pois, um programa pronto e as atividades tradicionais de escrita e leitura, mecanicamente executadas. A avaliação é um processo coletivo cujo foco não é o “rendimento” individual, mas o próprio processo de conscientização. O diálogo é, portanto, o método básico, realizado pelos temas geradores de forma radicalmente democrática e participativa.

1.3-Relato dos alunos

Foram apresentados aos alunos questionamentos sobre as questões ambientais no espaço escolar, desde problemas, comportamentos, atitudes e valores referentes à apropriação deste mesmo espaço nas sociedades atuais. Foram lançadas perguntas como: Qual o papel da arte em relação ao meio ambiente? Quais trabalhos de arte tem haver de fato com o meio ambiente? Minha escola tem problemas como desperdício, lixo mal acondicionado e

depredação? Você conhece algum artista que utiliza o meio ambiente como forma de expressão?

O grupo 01(Ensino Fundamental) destacou que a culpa dos problemas como sujeira, desperdício e depredação são dos próprios alunos e que na maioria das vezes acontece por falta de punição, em geral, todos perceberam que a escola não faz e nem se preocupa com trabalhos relativos ao meio ambiente. Foi muito comentado a preocupação que eles têm com queimadas e a perda de área verde no entorno escolar. A maioria relatou que não conhecem artistas que utilizam o meio ambiente como forma de expressão, mas consideram trabalhos artesanais que envolvam garrafa pet, tampinhas, embalagens de longa vida, papelão e reaproveitamento de materiais como trabalhos de reciclagem, portanto consideram esses como trabalhos ambientais.

O grupo 02(Ensino Médio) enfatizou que os problemas de sujeira, desperdício, e depredação são reflexos da sociedade atual, segundo os alunos o consumismo é o maior vilão, eles destacaram o uso de celular na escola como reflexo primordial do consumismo. Eles também destacaram a precariedade dos trabalhos artísticos, muitos comentaram que passaram o Ensino Fundamental sem realizar nenhum tipo de trabalho prático artístico, principalmente de conotação ambiental. O grupo demonstrou, mesmo sem saber o nome, conhecer artistas que utilizam o meio ambiente como forma de expressão, um artista muito comentado foi Vik Muniz. Os alunos associaram arte e meio ambiente a visitas realizadas no Inhotim² (Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico), o grupo também comentou a questão da poluição sonora, carros com som potente que frequentam os arredores da escola.

O grupo questionou que na escola existe poluição visual, segundo eles existem um excesso de informações em cartazes, papéis, revistas, painéis, trabalhos em cartolinas e informativos colocados de qualquer maneira e em qualquer lugar.

²Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico, situada na cidade de BRUMADINHO-MG, disponível em: <http://www.inhotim.org.br/index.php/p/v/199>, acesso em 09/11/2013.

Capítulo 2 - Exemplos de Artistas que utilizam o Meio Ambiente como tema gerador.

Para refletir sobre esse assunto destaco a importância de definir minha aproximação ao termo Meio Ambiente. Este Meio Ambiente que aqui transcrevo representa o somatório dos pensamentos de pesquisadores mais críticos, preocupados com a realidade do espaço habitável do ser humano. Entre esses espaços habitáveis, o que reflete profundas investigações é o espaço escolar, que aqui nesta pesquisa daremos um enfoque prioritário. Algumas perguntas para iniciar a reflexão: Como as escolas absorvem o termo meio ambiente na contemporaneidade? Como os alunos reagem aos novos paradigmas do meio ambiente social? Será que existem artistas preocupados com essa temática?

Encontramos nos registros do pensamento de artistas, filósofos e cientistas desde a antiguidade, reflexões acerca da relação do homem com a natureza, seja pelas reflexões filosóficas acerca da natureza humana, seja pela expressão de admiração com a natureza presentes nesses registros. Mas, foi no século XX que essa preocupação tomou vulto em consequência das transformações da forma de organizar a produção e a reprodução da vida definidas pela Revolução Industrial no final do século XVIII.

Esse novo modelo de produção articulado com a nova ciência, a ciência moderna, promoveu o desenvolvimento econômico e científico num ritmo espantosamente acelerado. A humanidade entrou na modernidade com uma nova estruturação do poder científico, político e social, e conseqüentemente com novos problemas.

Na História da Arte principalmente na pintura os temas abordados representam o presente, o passado tem seu valor histórico, mas o presente passa a dominar as observações e inquietações do cotidiano atual, o artista passa a se preocupar com o mundo, o belo deixa de ser único e absoluto para mostrar outras dimensões, tal como Baudelaire já apontava em seus escritos sobre a Modernidade. (BAUDELAIRE, 1996).

Podemos dizer que a preocupação com o ambiente se acentuou quando a humanidade se viu ameaçada pelo poder de destruição total do ambiente que

tem como marco histórico a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki no final da Segunda Guerra Mundial em 1945. Tal fato evidenciou a expressão do poder político e econômico de um país sobre o mundo social e natural. A conquista do poder era expressa pela capacidade de destruição total da vida sobre o planeta. Podemos dizer que foi neste momento que o movimento ambientalista teve origem. Assim nasceu uma preocupação com as reflexões acerca dos conflitos que emergem dos condicionantes históricos, políticos, sociais e culturais dos problemas e soluções ambientais.

Existem vários artistas preocupados com essa temática e alguns ainda priorizam o seu processo de ação-reflexão-ação, mantendo um diálogo objetivo ou subjetivo, tornando um tema gerador de ensino passível de questionamentos da realidade atual.

2.1- Tendências de expressão contemporânea

O século XXI marca o início de profundas mudanças que transformam a nossa maneira de viver o presente e pensar o futuro, na primeira década deste século, o mundo se tornou mais conectado, as causas ambientais e o termo sustentabilidade entraram definitivamente na agenda do desenvolvimento global, a força da criatividade como novo jeito de pensar apontaram para um novo tempo. Nesse novo tempo existem artistas preocupados como Vik Muniz, Julian Beever, Gláucia Amaral, Liana Bloise, Alfredo Jaar, Frans Kracjberg, Jean Shin, Jason Mecier, Christo e Jeanne-Claude, Paulo Nazareth entre outros. (PORTO, 2010).

Acredito que entre muitos artistas contemporâneos, existe uma preocupação em retratar as mudanças sociais relativas ao novo cenário de um meio ambiente de múltiplas interpretações.

Para delimitar as tendências de expressão interagindo o meio ambiente na arte, apresento alguns campos da arte contemporânea que tratam de relações entre ambiente e arte, vou citar um breve resumo sobre a **Estética relacional, Gambiarra, Arte Ambiente, Instalação, Intervenção, Performance e Sitespecific**.

Estética relacional

Movimento preocupado com as relações humanas na arte, com a interação do artista com o seu público. Elaborado na década de 1990 pelo crítico e curador francês Nicolas Bourriaud. Esse movimento reflete certa sensibilidade contemporânea nas quais o crítico observa experiências e trabalhos voltados para construção de conceitos coletivos, a participação do público é a definição do fortalecimento entre autor-obra-público. O projeto curatorial de Lisette Lagnado para a 27ª Bienal de São Paulo, *Como Viver Junto* (2006), é emblemático dessa linha de pensamento.



Figura 01-Obra de Rirkrit Tiravanija
Bancada com alimentos onde o público é levado ao consumo

Alguns artistas associados a práticas em estética relacional: Liam Gillick, Santiago Sierra e Rirkrit Tiravanija.

Gambiarra

Um termo que no Brasil passou a ser determinado para definir improvisações, reaproveitamento e recuperação de aparelhos e objetos da vida cotidiana. Recentemente passou a ser associado ao universo das artes visuais brasileira, com o surgimento de trabalhos envolvendo materiais banais e corriqueiros, o termo se valeu para identificar composições artísticas inventivas e improvisadas.



Figura 02-Obra de Hélio Oiticica

Seus “penetráveis” são ambientes em forma de labirinto em que as pessoas podem entrar e ter contato com estímulos sensoriais, como água e areia.

Alguns artistas cuja produção mantém afinidades com a noção de gambiarra: Hélio Oiticica, Marepe, Marcone Moreira, Paulo Nenfliido e Milton Marques.

Arte Ambiente

Não podemos determinar como um movimento artístico, mas sim com uma tendência desenvolvida na arte contemporânea de integrar ou interagir com o espaço ou ambiente natural ao qual está inserida a expressão artística. Existe uma preocupação em incorporar ou transformar a obra de arte no espaço, convidando o espectador/observador a interagir com esse espaço. Podemos perceber que essa temática tenta incorporar as criações artísticas ao meio

ambiente cotidiano, podendo ser natural ou urbano, rudimentar ou tecnológico, envolvendo diversas relações e utilizando dança, música, teatro, literatura, etc.

Fato que comprova essa tendência é demonstrado a partir dos anos 70 em movimentos como Assemblages, Instalações, Arte conceitual, Performance, Happenings, etc.

Instalação

Modalidade de Arte desenvolvida a partir dos anos 1980, apesar de haver vestígios nos anos 1920 em obras de artistas como Marcel Duchamp. É uma demonstração de elementos variados despojados de formatação e local definido, o espaço a ser inserido a obra tem um tempo limitado. Os trabalhos são experiências no tempo e no espaço onde o público interage com a obra.



Figura 03-Cildo Meireles
Detalhe da obra Marulhos, Bienal do MERCOSUL em Porto Alegre.

Inúmeros artistas trabalham com práticas de instalação. Alguns nomes de destaque são Olafur Eliasson, Stan Douglas, Ilya Kabakov, Cornelia Parker, Thomas Hirschhorn, Jessica Stockholder, Jason Rhoades, Cildo Meireles e Nuno Ramos.

Intervenção

No cenário das artes visuais indica práticas relativas a uma ação do artista sobre um local físico existente, em geral associado a estruturas urbanas ou arquitetônicas. Essas ações podem incidir ou até mesmo alterar a representação deste local, formando um novo espaço sujeito a experimentações e questionamentos diversos. Nas intervenções é comum encontrar embutido críticas de ordem cultural, política e social.



Figura 04-Daniel Buren
A criação do artista foi exibido em De Haan, Bélgica.

Dentre artistas que trabalham nessa linha, podem ser citados os nomes de Daniel Buren, Hans Haacke, Krzysztof Wodiczko e Cildo Meireles.

Performance

Espécie de expressão artística que envolve diversas linguagens como vídeo, teatro, dança e poesia. Tem uma grande semelhança com o happening, mas na performance não existe uma participação direta dos observadores e geralmente segue um roteiro antecipado. Sua forma de expressar é momentânea e depende de registros para o seu conhecimento ser disseminado e avaliado.



Figura 05- Marina Abramovic
Performance-Fora de Mim.

Alguns nomes seminais ligados a esta modalidade artística são Joseph Beuys, Chris Burden, Marina Abramovic, Carolee Schneeman e Gilbert & George

Sitespecific

Movimento de expressão identificado para especificar trabalhos para existir em um determinado espaço ou local. São sempre destacados os aspectos exclusivos do local, valorizando o projeto de construção do início ao fim da concepção artística do trabalho, interferindo no meio ambiente social, histórico e social. Tem origens com o artista Robert Irwin, mas ficou mais divulgado em meados dos anos 1970 com trabalhos de jovens escultores que idealizaram obras para grandes espaços urbanos.



Figura 06- Christo (Christo Vladimirov Javacheff)
Edifício do Parlamento Alemão

Dentre outros artistas que produzem ou produziram na linha de procedimentos site specific, pode-se citar os nomes de Robert Smithson, Hans Haacke, Walter De Maria, Richard Serra, Christo e, mais recentemente, Mark Dion, Andrea Fraser e Sarah Sze.

2.2- Reflexões contemporâneas entre arte e meio ambiente

Dentro deste panorama contemporâneo da Arte, tomaremos agora a prática de dois artistas como objeto de reflexão para o tema gerador das questões socioambientais, analisando seus trabalhos como forma de estudo e questionamentos da sociedade atual, colaborando para uma visão interdisciplinar entre o Ensino das Artes Visuais e o ambiente escolar.

Para associar um tema gerador de ensino socioambiental dialogando entre artista-obra-público, refletindo pensamentos cognitivos, sensíveis às novas formas de perceber as imagens do mundo atual, exemplificarei com dois artistas contemporâneos que fazem poéticas com esta proposta, Frans Kracjberg e Paulo Nazareth.

FRANS KRAJCBERG

Artista ou ambientalista? De certo, podemos dizer que Krajcberg marcou sua carreira mantendo-se fiel a ações diretamente voltadas ao estudo e a pesquisa relacionando elementos da natureza. Seus primeiros trabalhos iniciam-se com a pintura, demonstrando uma forte atração pela abstração, evoluindo posteriormente para gravura, fotografia e escultura.

Frans Krajcberg nasceu na Polônia, com formação de engenharia em Leningrado veio para o Brasil em 1948, fugindo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) após perder toda sua família em um campo de concentração. Após viver pouco tempo no Paraná, muda-se para o Rio de Janeiro, onde convive com outros artistas como o escultor Franz Weissmann (1911-2005). Depois de sua chegada ao Brasil, volta para a Europa e permanece seis anos entre Paris e Espanha realizando trabalhos inspirados na natureza como paisagens vulcânicas, também utilizando pigmentos de terras e minerais locais.

Em 1964 volta ao Brasil e instala um ateliê, usa e abusa das formas e cores da natureza ao seu redor. Em 1972, passa a residir em nova Viçosa, no litoral sul da Bahia onde amplia ainda mais os trabalhos utilizando matéria prima da natureza, manipulando troncos e raízes evidencia um gosto particular pela escultura. A partir de 1978, depois de viajar por diversas partes do Brasil, assume um caráter de denúncia em seus trabalhos, principalmente registrando por meio da fotografia os desmatamentos e queimadas entre a Amazônia e Mato Grosso.

Raízes, troncos carbonizados, cipós e caules de palmeiras associados a pigmentos minerais passam a ser a fonte de matéria prima e denúncia de Krajcberg, a partir da década de 1980 o artista demonstra uma profunda preocupação com as atividades do homem sobre a natureza.



Figura 07-Museu de Arte Moderna de São Paulo na OCA
Exposição “Frans Krajcberg: Natura”
Escultura troncos de madeira queimada e cipó
16 de outubro de 2008



Figura 08- Salvador(BA)
Exposição “Grito”
Escultura troncos de madeira queimada e cipó
15 de abril de 2011



Figura 09-Museu Afro Brasil- São Paulo(SP)
Exposição “Krajberg, o Homem e a no Ano Internacional das Florestas”
Fotografia.06 de Novembro de 2011

Considerando essas três obras referentes à Krajberg, figuras 07, 08 e 09 percebemos que existe um diálogo entre o artista-obra-público, quando o artista destaca a utilização de troncos de árvores queimadas, restos orgânicos de flora carbonizada e imagens de queimadas em matas, cria-se um tema gerador de inúmeros questionamentos. Quem fez isso? Onde isso aconteceu? O que podemos fazer para evitar isso? Existe beleza nessas construções?

Paulo Nazareth

Um artista performático? Um andarilho ou ativista político? Paulo Nazareth faz arte com os pés, sem pincéis nem tinta, apenas por meio do simples ato de caminhar, o artista mineiro se imbui das paisagens, pessoas e lugares por onde passa para transformar tudo em expressão artística. Acostumado a uma vida simples, em novembro do ano passado, ele partiu de Palmital, conjunto habitacional na periferia de Belo Horizonte, a pé e calçado apenas com uma sandália de borracha, rumo à Nova York e Miami. A viagem até Nova York durou sete meses, período em que deixou de lavar os pés para levar a poeira da América Latina aos Estados Unidos, onde finalmente se livrou da sujeira nas águas do rio Hudson. No fim do ano, ele planeja repetir a empreitada, mas dessa vez, a ideia é chegar à Europa após caminhar pela África. A performance em forma de passos alçou, recentemente, Nazareth ao circuito internacional de artes. Sua instalação *Notícias da América* – uma perua Kombi verde abarrotada de bananas – foi a obra mais comentada da feira de arte Art Basel Miami pela imprensa americana. A imagem do rapaz de cabelos afro ao lado da obra ganhou destaque no *The New York Times* e foi avaliada como a única peça realmente inovadora da última edição da feira.

A atenção conquistada nos Estados Unidos logo transformou o artista mineiro de 35 anos na mais recente sensação da arte contemporânea no Brasil. Na semana passada, Nazareth foi escolhido por um júri formado por Chris Deacon, diretor do Tate Modern, e curadores brasileiros para ganhar o prêmio Masp Mercedes-Benz de Artes Visuais na categoria talento emergente. Em novembro, o Museu de Arte de São Paulo (Masp) vai organizar uma mostra individual de Nazareth, que também foi convidado para participar da Bienal de Lyon, na França, em setembro de 2013.

Para Nazareth, existe mais do que performance em seus trabalhos, ele costuma dizer que o que faz é mais além, ele chama de “arte de conduta”. Existem as performances, mas é mais: “é como eu me comporto diante do mundo. Posso decidir permanecer aqui no centro da cidade ou posso me conduzir de outra maneira. O objeto de arte está na maneira como eu decido

me conduzir, me comportar diante do mundo. É arte de conduta, arte de comportamento, performance expandida e, ao mesmo tempo, diluída. Não é um espetáculo, vai se misturando e se fazendo vida”. Nazareth demonstra em suas palavras que conduta é uma palavra que exprime muito mais do que o ato de conduzir e se comportar, é dialogar com o mundo, questionar o direito de ir e vir, mostrar a diversidade natural, social, política e econômica na qual vivemos, pensamentos equivalentes a Larrosa (1994).

A própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação, no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas. (LARRÓSA, 1994, p. 43)



Figura 10-MASP-São Paulo (SP)
Fotografia de performance/instalação da série “Notícias de América”
Mostra criada a partir de uma viagem de 700 km a pé, num trajeto que levou seis meses e 15 dias. 21 de dezembro de 2012



Figura 11-Miami-Art Basel-(EUA)
Fotografia de performance/instalação da série “Notícias de América”
Mostra criada a partir de uma viagem de 700 km a pé, num trajeto que levou seis meses e 15 dias. 30 de novembro de 2011



Figura 12-Galeria Alberto da Veiga Guignard do Palácio das Artes- Belo Horizonte (MG)
“Coleção Itaú de fotografia Brasileira”
Fotografia de performance/instalação da série “Notícias de América”
Mostra criada a partir de uma viagem de 700 km a pé, num trajeto que levou seis meses e 15 dias. 25 de agosto de 2013

Considerando também essas três obras referentes a Paulo Nazareth, figuras 10, 11 e 12 percebemos que existe um diálogo ainda mais forte entre artista-obra-público, principalmente por usar das codificações da Instalação e Performance, o artista instiga o seu público a visualizar em suas indumentárias simples e aparência exótica, pensar qual o verdadeiro papel do ser humano na sociedade atual. Ele explora sua imagem rompendo todos os artifícios de tempo e espaço geográfico como o direito de ir e vir, por exemplo, mostrando principalmente as diferenças sociais e as peculiaridades de cada região. Sua forma de expressar instiga algo que na História da Arte provocou e provocará inúmeros questionamentos. Existe um limite para o mundo da arte? Existe arte de maior ou menor grau? Países de terceiro mundo podem produzir arte? Arte pode ser forma de protesto? A arte tem o poder de estreitar as diferenças sociais?

2.3- Conexões entre artistas e Artes Visuais no ambiente escolar

Foi possível perceber que existe mais do que uma técnica ou expressão nas obras contemporâneas, e artistas como Nazareth e Krajcberg desenvolvem arte em uma perspectiva de ampliar o olhar, fazer enxergar o que talvez não seja visto, dar sentido no que não é percebido. A apreciação artística é um trabalho interrogativo de conexões entre as formas visuais da imagem e os meios sociais e culturais. E essas conexões podem e devem ser levadas para sala de aula.

Ao trabalharmos as Artes Visuais, produzindo experiências artísticas no ambiente escolar, envolvendo as questões ambientais de uma forma aberta e abrangente, criamos uma dimensão de olhar mais amplo e principalmente acrescido com temas próximos aos alunos, contribuindo para a verdadeira construção de conhecimentos.

O que é então a produção de uma obra de arte? O artista é pessoalmente tocado por acontecimentos, emoções e percepções que fazem parte do cotidiano de todos os homens. Processa-os como observador-sensor privilegiado da realidade, construindo um objeto cuja finalidade é devolver ao coletivo uma experiência a ser revivenciada de forma individual pelo leitor. Uma das funções centrais

no ensino de arte na escola deveria ser esta: a de construir leitores sensíveis e competentes para continuar se construindo, adquirindo autonomia e domínio do processo, fazendo aflorar, desse modo, ao toque do próprio olhar uma sensibilidade de ser-estar-viver no mundo. (BUORO, 2002, p. 63).

Depois de analisar estas reflexões entre artistas, obras e temas, fica evidente a possibilidade de aproximação com o mundo escolar, conexões que podem ser abordadas na busca do ensino de arte que contribua com o processo de humanização dos educando, melhorando o ensino e aprendizagem dos mesmos.

No próximo capítulo relato experiências como Arte-educador, envolvendo trabalhos nos quais o fazer artístico utiliza o meio ambiente como tema gerador de ensino.

Capítulo 3- O fazer artístico no cenário escolar, utilizando as questões ambientais como tema central gerando ensino e aprendizagem.

Neste tópico relato experiências desenvolvidas em algumas escolas que trabalhei e continuo trabalhando na rede Estadual de Ensino de Minas Gerais. A primeira vez que me identifiquei com a temática ambiental foi nos anos 2000, que coincide com minha iniciação de professor nas escolas estaduais. Particpei do primeiro fórum de lixo e cidadania, conheci a (ASMARE)³ e me sensibilizei com a importância da gestão integrada dos resíduos sólidos urbanos, a proposta de erradicação dos lixões e a importação da coleta seletiva incorporando os catadores de materiais recicláveis na cidade de Belo Horizonte. Percebi literalmente que a nossa forma de viver e usar o meio ambiente e as nossas relações sociais estavam fadadas a problemas irreparáveis e estas mudanças de comportamento que temos que intensificar urgentemente, às vezes pode ser uma simples questão de mudança de hábito. Essas mudanças tem que começar dentro de nós mesmos e bem cedo, quanto

³ Associação dos Catadores do Papel Papelão e Material Reaproveitável de BELO HORIZONTE-MG, para saber mais disponível em: <http://pt.wiser.org/organization/view/d51f446923ebb86f0ece5f9433c917f5>, acesso em 09/11/2013.

antes melhor, e é na escola que temos um universo de possibilidades para intensificar todas essas mudanças.

A arte oferece um grande campo para trabalharmos as questões ambientais, podemos falar de arte e chegar até um meio ambiente, também falar de meio ambiente e chegar à arte e o que arte e o meio ambiente mais precisam simultaneamente é de perceber, contextualizar e fazer, algo que os estudiosos das propostas de Ana Mae conhecem muito bem.

Tentarei explicar como podemos produzir e realizar trabalhos artísticos utilizando a “abordagem triangular” de Ana Mae usando as questões ambientais como tema gerador de ensino e aprendizagem. A princípio algo que chamou muito minha atenção foi, assim como pesquisadores na linha de Paulo Freire, encontrar algo que possa ser interessante e instigador, estar perto e ao redor de quem está sendo ensinado, estreitando os laços de quem ensina e de quem aprende, construindo uma relação mútua de aprendizagem. Gostaria muito que os alunos se dedicassem e se interessassem mais pelas aulas de arte, vejo também que com o passar do tempo, novas pedagogias tem que acompanhar os novos desafios da educação envolvendo o ensino e aprendizagem no ambiente escolar.

Atualmente a educação vive uma fase de inúmeros protocolos, propostas e currículos de conteúdos, como é o caso do (CBC)⁴ na rede Estadual de Ensino de Minas Gerais. Não pretendo menosprezar todas essas referências que os professores muitas vezes são forçados a executar, mas pontuo algumas questões: Será que esses conteúdos realmente melhoram o ensino e aprendizagem? Será que esses conteúdos atingem todo o universo da diversidade escolar? Será que todos os professores estão aptos a trabalhar estes conteúdos? Acredito que na área de arte, muitas vezes as propostas pedagógicas são criadas e construídas pelo próprio professor, pois a realidade do universo escolar é bem diferenciada. Este estudo para construir novas propostas pedagógicas no meio ambiente escolar foi evidenciado no primeiro capítulo desta pesquisa, metodologias/entrevista focal.

⁴ Proposta Curricular da Rede Estadual de Minas Gerais, disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index2.aspx??id_objeto=23967#, acesso em 09/11/2013.

3.1-Imagens e resumo de trabalhos realizados

Agora exemplificarei trabalhos realizados com as questões ambientais encontradas com ajuda dos grupos focais, que possibilitaram o aprofundamento do fazer artístico ensinando e aprendendo as artes visuais.



Figura 13- Fotografia de duas etapas

Escola Estadual Títo Lívio de Souza- Betim-2007

Faixa etária: Alunos do 3º ano do Ensino Médio

Tema gerador: Poluição visual da escola, depredação, sujeira.

Contextualização: Estudo de pinturas, pintores e vanguardas artísticas.

Apreciação: Estética relacional e Intervenção.

Criação: Releitura de pintores modernistas no Brasil, pinturas revitalizando o espaço escolar.



Figura 14- Fotografia de seis etapas
Escola Sandoval Soares de Azevedo- Ibirité-2007
Faixa etária: Alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental
Tema gerador: Desmatamento e queimadas em torno da escola.
Contextualização: Estudo de pinturas e esculturas diversas.
Apreciação: Esculturas contemporâneas, Estética relacional e Intervenção.
Criação: Escultura- árvore esculpida com papel mache, tronco de eucalipto e sobra de materiais de construção.



Figura 15- Fotografia de duas instalações
Escola Sandoval Soares de Azevedo- Ibirité-2009
Faixa etária: Alunos do 1º ano do Ensino Médio
Tema gerador: Depredação do patrimônio público, vandalismo, desperdício.
Contextualização: Estudo das esculturas e escultores contemporâneos.
Apreciação: Esculturas contemporâneas, Estética relacional e Intervenção.
Criação: Instalação com restos de materiais depredados na escola.

Considerações finais

Analisando este trabalho, podemos perceber que o meio ambiente escolar é um universo de múltiplas possibilidades e ao passar do tempo à realidade vivida interfere e reflete em novos comportamentos. Tornar o ensino e aprendizagem efetiva, ainda continua sendo um desafio na história da educação brasileira. Podemos perceber que as Artes Visuais absorvem e interferem consideravelmente no olhar para o meio ambiente atual e se encontrarmos um tema que instigue, estimule e motive os alunos a fazerem algo que realmente contribua para a construção do conhecimento, construiremos uma educação mais justa, crítica e responsável por nossas ações.

Com ajuda dos grupos focais foi possível perceber que os alunos estão atentos às transformações do mundo atual, principalmente com ajuda das tecnologias e novas mídias, mas ainda a forma de agir é fraca e precária. Percebemos também que encontrar um tema central gerador de ensino e aprendizagem não é muito difícil, basta ter paciência, saber dialogar, ouvir e muitas vezes confrontar a realidade. E esse tema pode ser algo bem simples que talvez inicialmente não reflita muitas mudanças, mas começando pelo simples fato de ser algo sugerido e criado pelos próprios alunos cria uma força que costumo chamar de “consciência”, e ter consciência é respeitar o próximo, agir com dignidade, zelar sempre pela moral e ambiente de bons costumes, algo que a educação vem sofrendo muito com esta falta.

Para trabalharmos nas escolas propostas mais conscientes, responsáveis, críticas e sociais, devemos sair do plano da sensibilização para o plano da ação e as Artes Visuais abrem uma grande porta para chegarmos a este plano. Podemos falar de arte e chegar até um meio ambiente, também falar de meio ambiente e chegar à arte e o que na arte e o meio ambiente mais precisam simultaneamente é de perceber, contextualizar e fazer.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.**
- BARBOSA, Mariana Garcia. Educação e Arte: *Entre os perdidos no meio ambiente e os achados na poética das artes visuais*. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Área de Concentração em Educação e Artes, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=112378>. Acesso em: 09/11/213.
- BAUDERLAIRE, CHARLES. **Sobre a modernidade o pintor da vida moderna**. Teixeira Coelho (Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BIOGRAFIA de Frans Krajcberg. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1834> Acesso em: 09/11/213.
- BUORO, A. B. **O olhar em construção - Uma experiência de ensino aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.
Olhos que pintam. A leitura de imagem e o Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2002.
- CARVALHO, Izabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.
- DIAS, Cláudia Augusto. **Grupo Focal: Técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Paraíba, v.10, n.2, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330>> Acesso em: 09/11/213.
- FORUM INTERNACIONAL DAS ONGS. **Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**. Rio de Janeiro, 1995.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **Pedagogia da Libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Edunesp, 2001.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. **O legado de Paulo Freire à educação ambiental**. In: NOAL, Fernando Oliveira; BARCELOS, Valdo Hermes Lima. Educação ambiental e cidadania: cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A educação como prática de liberdade**, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.
- FUSARI, Maria F. de Resende e/FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação geral).

FUSARI, Maria F. de Resende e/FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo:Cortez, 1999.(Coleção Magistério 2ºGrau. Série Formação do professor).

KRAJCBERG, o Homem e a Natureza no Ano Internacional das Florestas. Disponível em:<<http://experienciaestetica.wordpress.com/2011/09/23/krajcberg-o-homem-e-a-natureza-no-ano-internacional-das-florestas/>> Acesso em: 09/11/213.

KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Minas Gerais, v.10, n.15, 2004. Disponível em:<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewArticle/202>> Acesso em: 09/11/213.

LARROSA, J. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomas T. (org). **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 35-86

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema ou atividade-fim da educação ambiental?** In: REIGOTA, Marcos (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetórias fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

PAULO Nazareth, um artista exótico. Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/cultura/paulo-nazareth-um-artista-exotico-10544447>>. Acesso em: 09/11/213.

PORTO, Marta. **Arte, cultura e o espírito de um tempo**. cenpec 2010. Disponível em:<<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/62/7>>. Acesso em: 09/11/2013.

RIZZI, Maria Cristina de Souza Lima.; AJOS, Ana Cristina Chagas dos. **Arte-Educação e meio ambiente**: apontamentos conceituais a partir de uma experiência de arte-educação e educação ambiental. São Paulo, v.8, n.15, 2010. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/3082>>. Acesso em: 09/11/213.

Tozoni-Reis, Marília Freitas de Campos. **Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória**. Curitiba, v.0, n.27, p.93-110, Junho de 2006. Disponível em: <<http://www.scientificcircle.com/pt/89939/temas-ambientais-geradores-contribuicoes-metodologia-critica/>> Acesso em: 09/11/2013.

Anexos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

CIDADE, ____ de ____ 2013.

Ilustríssimo (a) Senhor (a)

Eu, _____, responsável principal pelo projeto de _____ (Especificar o nível da pesquisa), venho pelo presente, solicitar vossa autorização para realizar este projeto de pesquisa no (a) __ (Nome da Instituição) __, no setor de _____ (Unidade da instituição onde será realizada a pesquisa), para o trabalho de pesquisa sob o título _____, Orientado pelo Professor(a) _____.

Esta atividade (apresenta e/ou não apresenta riscos aos sujeitos participantes (descrevê-los, assim como os eventuais desconfortos resultantes do processo). Período previsto para coleta de dados.

Espera-se com esta pesquisa, (descrever os benefícios).

A qualquer momento vossa senhoria poderá solicitar esclarecimento sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá retirar sua autorização.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e que, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição como nome, endereço e outras informações pessoais não serão em hipótese alguma publicados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa, causar qualquer tipo de dano aos participantes, nós pesquisadores nos comprometemos em reparar este dano, e ou ainda prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Eu, ____ (nome legível) responsável pela instituição _____ (nome legível da instituição) declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, a qualquer momento como instituição CO-PARTICIPANTE desta pesquisa poderemos revogar esta autorização, se comprovada atividades que causem algum prejuízo à esta instituição ou ainda, a qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes desta instituição. Declaro também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Pesquisador	Responsável pela Instituição
-------------	------------------------------

Orientador

Documento em duas vias:

1ª via instituição

2ª via pesquisadores

Observação: informamos que no curso de graduação o responsável pela pesquisa é o professor/orientador.

Entrevista Focal

Escola: ----- Ano: -----
Nome: ----- Turma: -----
Data: ----- Idade: -----

1-Minha escola desenvolve atividades entre arte e meio ambiente?

2-Minha escola desenvolve atividades entre arte e meio ambiente na comunidade?

3-Minha escola tem algum problema ambiental?

4-Em torno da minha escola tem algum problema ambiental?

5- Minha escola trabalha temas ambientais somente em datas comemorativas, como dia do meio ambiente, dia da árvore, dia da água etc.?

6- Minha escola trabalha com exposição de trabalhos de arte somente em datas comemorativas, como feira de cultura, festa da família, etc.?

7- Você conhece algum artista que utiliza temas ambientais como forma de expressão?

8- Você teria coragem de ter um trabalho artístico feito de matéria prima do lixo em sua casa?

8- Qual a melhor forma de trabalhar a arte usando o meio ambiente escolar como tema?

- DESENHANDO
- PINTANDO
- MODELANDO/CONSTRUINDO ESCULTURAS OU MAQUETES
- FOTOGRAFANDO
- FILMANDO
- INSTALANDO/CONSTRUINDO CENÁRIOS OU ESPAÇOS

